

Índice

Discurso de abertura do colóquio pelo Presidente da A. S. E. R.	15
Prefácio: Falsificação da história	19
I.	
A África e o Ocidente	23. 83
A ruptura da consciência histórica africana: o principal obstáculo para o renascimento africano	25. 45
<i>Bwemba Bong</i>	
Introdução	25
1. A consciência histórica da África Negra enquanto base da resistência do povo negro	25
2. As fragilidades e os defeitos da sociedade africana	31
3. As lições que a África Negra deve extrair da história	40
A Guerra do Biafra: desinformação e manipulação dos média?	47. 58
Análise de quatro diários importantes: <i>Le Monde, Le Figaro,</i> <i>La Croix e L'Humanité</i>	
<i>Momar Mbaye</i>	
Introdução	47
1. As causas	48
1.1. As causas passadas e imediatas	48
1.2. As causas estratégicas e económicas	49
1.3. As causas religiosas	50
2. Horrores e responsabilidades	51
2.1. O horror absoluto	51
2.2. A responsabilidade das grandes potências e das opiniões públicas	52
2.3. As responsabilidades dos líderes africanos e de Lagos	53
3. Soluções e papel da França	53
3.1. As soluções	54
3.1.1. Socorrer o corajoso povo biafrense	54
3.1.2. Repensar a federação	55
3.2. Paris e o conflito	55
3.2.1. Uma política louvável	55
3.2.2. Uma acusação indevida	56
Conclusão	57

**Francês/Línguas Africanas: colonização linguística
ontem e hoje, aqui e ali** 59. 83
Bernard Zongo

Introdução	59
1. Linguística africanista e ideologia glotofágica	60
1.1. Período colonial: a chegada às colónias ou a linguística "pragmática"	61
1.2. Período moderno: triunfo do formalismo e missão civilizadora a partir de 1945	64
1.3. A sociolinguística e as suas torpezas: os anos 60	67
1.4. A partir dos anos 70: instituições francófonas ao serviço da expansão do francês	68
2. Política linguística francesa e línguas minoritárias: ideologia do paradoxo	73
2.1. As línguas africanas em França e a política linguística francesa	74
2.1.1. As línguas de imigração em França	74
2.1.2. A política linguística francesa	75
2.1.3. A legitimidade da estratificação etnolinguística e normas	76
2.2. A concepção ideológica do bilinguismo: o relatório Bénisti	78
Conclusão	82
Referências Bibliográficas	83

II.
As origens egípcias da civilização africana 85. 164

Cheikh Anta Diop: o homem e a obra 87. 110
Cheikh M'Backé Diop

Introdução	87
1. O contexto histórico e ideológico no início do século XX	87
2. A resistência africana e a restauração da consciência histórica	92
3. A obra histórica e egiptológica de Cheikh Anta Diop	94
3.1. A reconstituição científica do passado da África	94
3.2. As principais temáticas desenvolvidas por Cheikh Anta Diop	97
3.3. A fecundidade da obra: contributo metodológico e acervo do colóquio do Cairo	103
4. A continuação da obra histórica e egiptológica	106
4.1. O período da investigação solitária: 1946-1970	106
4.2. Théophile Obenga encontra Cheikh Anta Diop	106
4.3. A Escola africana de egiptologia	107
5. O Renascimento da África e a edificação de uma civilização planetária	109

Estado das investigações acerca das semelhanças entre a arte Egípcia Antiga e a da África Negra <i>Babacar Mbaye Diop</i>	111. 124
Introdução	111
1. O estilo africano e a essência da arte egípcia	111
2. Alguns exemplos de semelhança entre objectos africanos e objectos egípcios	114
3. Será esta semelhança identitária ou uma simples analogia?	120
Referências Bibliográficas	123
Estado das investigações acerca da Antiguidade Africana <i>Babacar Sall</i>	125. 141
Introdução	125
1. Generalidades e problemática	126
2. A documentação	127
2.1. As fontes textuais	128
2.2. As fontes arqueológicas	129
3. Panorama	130
Conclusão	140
Egipto Antigo e África Negra: alguns factores novos que esclarecem as suas relações <i>Aboubacry Moussa Lam</i>	143. 157
Introdução	143
1. O debate	143
2. A amostra	146
3. Novos factores	149
3.1. As partes do corpo	149
3.2. A água	150
3.3. A agricultura	151
3.4. Pigmeu e anão	152
3.5. <i>O hipopótamo e o cavalo</i>	154
4. Esclarecimento das tradições	155
Conclusão	156
“Afrocentricidade”: polémica em torno de um conceito <i>Doudou Dieng</i>	159. 164
1. O pensamento africano na história do pensamento	159
2. Posicionamento do conceito: dúvida e inteligibilidade metodológicas	163

III.	
O contributo da comunidade negra e do Egipto para a civilização	165. 214
A história das ciências e das técnicas na África negra <i>Jean Paul Mbelek</i>	167. 183
Introdução	167
1. A África, berço da humanidade	170
2. A África, berço da escrita	172
3. A África inventa o zero	173
4. A multiplicação e a divisão egípcias	175
5. A sobrevivência das tradições erudita e criativa africanas	176
6. Apêndice: A multiplicação e a divisão egípcias	181
6.1. A multiplicação egípcia	181
6.2. A divisão egípcia	182
6.3. A demonstração	182
Contributo das cosmogonias dogons para a problemática da “origem” da civilização: a necessidade do trágico no seio da divindade <i>Cheikh Moctar Bâ</i>	185. 193
Introdução	185
1. O que justifica a revolta de Ogo?	185
2. A necessidade do “roubo do fogo”	187
3. A Civilização como consequência do “trágico”	190
Referências Bibliográficas	193
O Egipto na obra de Platão <i>Théophile Obenga</i>	195. 214
1. Platão estudou no Egipto	197
2. O Egipto na obra de Platão	200
3. Platão egípcianiza as palavras ao invés de as grecizar	201
4. O que representa o Egipto para Platão?	202
4.1. O Egipto é o país da mais Alta Antiguidade	203
4.2. O Egipto é o berço da escrita e das ciências	204
4.3. O Egipto enquanto modelo de organização artística e intelectual	205
4.4. O Egipto enquanto detentor da melhor pedagogia para ensinar as matemáticas às crianças	208
5. Plutarco, conciliador da teologia dos Egípcios com a filosofia de Platão	210
Resumos	215. 220